

**SOBRE O SUPLÍCIO
DA GUILHOTINA**



FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador

Mário Sérgio Vasconcelos

Diretor-Presidente / Publisher

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Superintendente Administrativo e Financeiro

William de Souza Agostinho

Conselho Editorial Acadêmico

Divino José da Silva

Luís Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Paulo Celso Moura

Ricardo D'Elia Matheus

Sandra Aparecida Ferreira

Tatiana Noronha de Souza

Trajano Sardenberg

Valéria dos Santos Guimarães

Editores-Adjuntos

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues



COLEÇÃO
PEQUENOS FRASCOS

CABANIS
SOBRE O SUPLÍCIO
DA GUILHOTINA

ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO
Bruno Rates

TRADUÇÃO
Pedro Paulo Pimenta



editora
unesp

© 2023 Editora Unesp

Direitos de publicação reservados à:
Fundação Editora da Unesp (FEU)

Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
www.livrariaunesp.com.br
atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
de acordo com ISBD
Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior – CRB-8/9949

C113s

Cabanis, Pierre-Jean-Georges

Sobre o suplício da guilhotina / Pierre-Jean-Georges Cabanis;
organizado por Bruno Rates; traduzido por Pedro Paulo Pimenta. –
São Paulo: Editora Unesp, 2023.

ISBN: 978-65-5711-197-0

1. Filosofia. 2. Pena de morte. 3. Guilhotina. I. Rates, Bruno.
II. Pimenta, Pedro Paulo. III. Título.

2023-1408

CDD 100
CDU 1

Índice para catálogo sistemático:

1. Filosofia 100
2. Filosofia 1

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

SUMÁRIO

7 . Apresentação

Bruno Rates

Sobre o suplício da guilhotina

25 . Nota sobre o suplício da guilhotina

55 . Do grau de certeza da medicina
(introdução)

65 . História fisiológica das sensações

85 . [O cérebro e a secreção do pensamento]

93 . Influência das doenças na formação
das ideias e das afecções morais

127 . A vida animal

153 . [O eu e suas sensações]

171 . Do sono e do delírio

183 . Origem dos textos

APRESENTAÇÃO

Bruno Rates¹



No Brumário do ano IV do calendário revolucionário francês (novembro de 1795 no calendário gregoriano), o jovem médico Pierre-Jean-Georges Cabanis, que contava então com 38 anos, publicava um texto no *Magasin Encyclopédie ou Journal des sciences, des lettres et des arts*. Ecoando o amplo interesse intelectual de seu fundador, Aubin-Louis Millin, esse periódico operava como um veículo de divulgação

1 Bruno Rates é pesquisador USP/Fapesp, processo n.2020/15114-5 e n.2022/06544-1.

de diversos saberes, da história natural à crítica literária, passando pela química, a física e a filosofia. Intensas transformações políticas que se seguiram da Revolução assolavam a França de então, e o título do texto de Cabanis já anuncia o contexto em que foi escrito e a densidade da questão: “Note sur l’opinion de MM. Oelsner et Sömmering, et du citoyen Sue, touchant le supplice de la guillotine”.² Desde o 9 do Termidor e a queda de Robespierre, instalara-se uma discussão – não só na França, mas em toda a Europa – acerca da pertinência do uso da guilhotina. A intervenção de Cabanis pode ser considerada, a justo título, como a sua estreia na arena filosófica europeia, que a essa altura

2 A edição mais recente é o volume *Note sur le supplice de la guillotine*. Périgueux: Fanlac, 2002, com uma apresentação de Yannick Beaubatie. O texto reproduz o da edição de Lehec e Cazeneuve, *Oeuvres philosophiques de Cabanis*. 2 v. Paris: PUF, 1956, adotado na presente tradução.

se tornara indissociável de tudo o que dissesse respeito à Revolução.

O *Magasin Encyclopédie* abrigou um bom número de textos que se declaravam contrários à utilização desse método de execução, com destaque para uma série de cartas, publicadas no outono de 1795, entre Konrad Oelsner, jornalista prussiano baseado na França e observador da Revolução, e Samuel Thomas von Sömmering, médico anatomista alemão de prestígio, correspondente de Kant e Goethe, amigo de Blumenbach, lido por Schelling, e autor do influente tratado *Sobre o órgão da alma* (*Über das Organ der Seele*). O texto de Cabanis surge como uma resposta a essas críticas. Mas quais as motivações por trás das ressalvas de Oelsner e Sömmering?

É importante notar que, desde o início, a discussão se põe no terreno da fisiologia, e não da moral, pois, com algumas exceções, entende-se à época que esta última depende, em alguma

medida, da primeira. O principal argumento de Oelsner e Sömmering é que a convulsão do corpo após a decapitação, bem como a torsão dos músculos da face e o revirar dos olhos da cabeça decapitada, indicavam claramente que os condenados continuavam a sentir extrema dor. Para demonstrá-lo, é evocada a célebre execução de Charlotte Corday, condenada pelo assassinato de Marat. Segundo testemunhas presentes na ocasião, a face de Corday, já decapitada, teria “ruborizado de indignação ou pudor, no momento em que o carrasco, ao mostrar sua cabeça ao público, a esbofeteia”. Essa reação da morta se explica. É que, tanto para Oelsner como para Sömmering, o cérebro é a sede do sentimento e da sensibilidade, e permaneceria ativo enquanto houvesse circulação (como seria o caso da cabeça cortada, imediatamente após a execução). Esse princípio comprovaria a existência contínua de dor, mesmo após a separação da cabeça e do tronco. “Segundo essa maneira

de ver”, escreverá Cabanis, “a alma existe, e sofre, tão somente na cabeça.”

Pondo de lado, desde o início, a questão da existência da alma, Cabanis elenca algumas críticas à hipótese de Oelsner e Sömmering, todas elas com base em argumentos médicos: 1. A hemorragia violenta que se segue à decapitação interrompe a circulação e priva o cérebro do sangue necessário para manter a sua função, que é a formação do pensamento; 2. A circulação dos humores e a transformação que eles sofrem no órgão cerebral dependem do “movimento alternado dos pulmões”, que cessa no instante em que a respiração é suprimida com a decapitação; 3. A influência do estômago, do diafragma e de muitas vísceras do baixo-ventre sobre a percepção das sensações e a produção do pensamento (feitas pelo órgão cerebral), que não pode ocorrer no corpo decapitado.

Para reforçar sua posição, Cabanis menciona o “experimento da pipa”, conhecido como um

dos primeiros episódios acerca da descoberta do fenômeno da eletricidade, em que seu amigo, o diplomata norte-americano Benjamin Franklin, decide, num dia de intensa tempestade e trovoada, amarrar uma chave a uma pipa, formando com isso uma espécie de para-raios. Um forte relâmpago atinge a nuca de Franklin, que tomba inconsciente. Uma vez acordado, ele não se lembra de nada, e declara não ter sentido e não sentir nenhuma dor. As “descargas de eletricidade” em Franklin – tal como o golpe da guilhotina sofrido por Corday – atingem a “medula alongada, centro de reunião de quase todos os grandes nervos”, e provam, segundo Cabanis, que esta “não é a sede do princípio vital, *que não tem uma sede particular exclusiva*”, mas é o ponto para o qual convergem “a maioria das sensações vivas”.

Cabanis julga as considerações do médico e professor de anatomia Jean-Joseph Sue mais coerentes quando comparadas àquelas de seus pares

do além-Reno. Em seus textos, também publicados em 1795 no mesmo *Magasin Encyclopédie*, Sue evoca a execução de Corday como exemplo emblemático, embora sua posição, igualmente contrária ao emprego da guilhotina, seja motivada por razões distintas daquelas defendidas por Oelsner e Sömmering. Para Sue, “se os movimentos regulares provam a sensação, e os movimentos convulsivos, a dor”, é improvável que a sensibilidade seja exclusivamente um atributo do cérebro, pois “a sensação e a dor devem necessariamente se encontrar em todas as partes que palpitam no corpo desmembrado”. A sensibilidade dissemina-se por todo o corpo, mesmo quando não há comunicação entre as porções mutiladas e os principais centros nervosos.

Evocando a diferença postulada por Albrecht von Haller em 1752, na Academia de Ciências de Göttingen, entre irritabilidade (limitada aos feixes musculares e, portanto, relativa ao movimento) e sensibilidade (incidente às fibras

nervosas e concernente à dor), Cabanis afirma, distanciando-se de Haller, que Sue “leva a irritabilidade à sensibilidade”. A persistência dos movimentos observada no caso de Corday e outros (Sue discute a sensibilidade de amputados, de oficiais feridos em situações de combate e guerra etc.) decorre do fato de que o corpo não depende exclusivamente do cérebro para sentir. Para Sue, as vítimas da guilhotina são acometidas por dor tanto na cabeça quanto no resto do corpo. As raízes dessa tese podem ser encontradas, segundo o próprio Cabanis, no químico alemão Stahl e nos médicos da escola de Edimburgo (Whytt, Cullen), que prolongam as suas teorias.³

Mas o reconhecimento da solidez da argumentação de Sue não faz com que Cabanis a endosse. Fiel às “leis da economia animal”, nosso autor sustenta que o fundamental é a relação

3 François Duchesneau, *La Physiologie des Lumières*. 2.ed. Paris: Garnier Classiques, 2013.

entre os centros nervosos principais e o resto do corpo. Para que haja sensibilidade – e, por conseguinte, dor – é preciso que a rede do sistema nervoso (cérebro, medula alongada ou tronco cerebral, cerebelo e medula espinhal) seja preservada. Uma vez rompida essa “economia”, não importa se por decapitação, amputação, paralisia ou choque, a dor desaparece, já que, nas palavras do próprio Cabanis, o “eu do indivíduo”, tributário dessa “harmonia”, agora perdida, é suprimido juntamente com a sensação que o marcava a fundo e o definia. Cabanis se distancia das teorias de Sue e Stahl, que preservam um lugar para a alma na fisiologia, direcionando-se, assim, ao materialismo, matizado pelos ensinamentos da escola médica de Montpellier (Bordeu, Barthez).⁴

4 Roselyne Rey, *Naissance et développement du vitalisme en France de la deuxième moitié du 18^e siècle à la fin du Premier Empire*. Oxford: Voltaire Foundation, 2000.

Para Cabanis, se a atividade do cérebro é tributária dos principais órgãos, estes estão, por sua vez, subordinados ao cérebro, que transforma as impressões em “consciência”, em “sensações conscientes”, e, em casos-limite, as traduz em dor. “A vida está por toda parte”, e “o *eu* só existe na vida em geral” (no corpo como totalidade sensitiva). Um rápido passar de olhos pelas imagens das decapitações feitas durante a Revolução não deixa de confirmar intuitivamente as teses de Cabanis, ao menos de um ponto de vista iconográfico. As cabeças erguidas pelas mãos dos carrascos parecem totalmente desprovidas de expressão, representando corpos mortos, inanimados – desprovidos de “eu” e de “alma”, porque carentes de sensação.⁵ Fala-se

5 Daniel Arasse, “Le théâtre de la guillotine”, in: *L'expérience du regard au siècle des Lumières*. Paris: Éditions du Regard, 2017; e Eliane Robert de Moraes, “O peso da cabeça”, in: *O corpo impossível. A decomposição da figura humana de Lautréamont a Bataille*. São Paulo: Iluminuras, 2012.

muito no “vitalismo” de Cabanis, mas esse termo não designa um princípio positivo, como em Schelling;⁶ refere-se, sim, ao efeito constante e regular, reiterado na experiência, do conjunto das operações dos corpos organizados.

O materialismo fisiológico de Cabanis, esboçado na nota *Sobre o suplício da guilhotina*, começa a adquirir contornos mais nítidos a partir de 1798, com o opúsculo “Do grau de certeza da medicina” e chega à sua versão definitiva com as doze memórias que compõem *Das relações entre o moral e o físico no homem*, cuja primeira edição data de 1802.⁷ Cabanis se tornará célebre como um dos representantes da chamada “Ideologia”, ao lado de Destutt de Tracy, autor do *Elementos de ideologia* (1804).

6 Schelling, *Ideias para uma filosofia da natureza*. Tradução de Carlos Morujão. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001.

7 Incluímos neste volume extratos desses textos mais diretamente ligados às questões mencionadas no *Suplício*.

O termo tem uma acepção precisa, diferente da aplicação feita a partir do marxismo.⁸ Para os “ideólogos” – o apelido lhes foi dado por Bonaparte, que os detestava – a filosofia, como ciência dos princípios de todo conhecimento, resume-se à análise das ideias, à sua decomposição e recomposição, a partir da sensação, origem de tudo o que um animal sensível como o homem pensa ou poderia pensar. Eleva-se daí a uma gramática e a uma lógica, que estão na base de todas as ciências positivas – organizadas à maneira de línguas metodizadas.⁹

A separação entre o centro nervoso e o resto do corpo, ou o dismantelamento da unidade orgânica, tal como ocorre nas grotescas execuções da Paris revolucionária, não deixa de ser

8 Quanto a esse ponto, ver Georges Canguilhem, “Qu’est-ce qu’une idéologie scientifique?”, in: *Idéologie et rationalité dans l’histoire des sciences de la vie*. Paris: Vrin, 1977.

9 A melhor apresentação de conjunto da Ideologia é oferecida por Laurent Clauzade, *L’Idéologie ou la révolution de l’analyse*. Paris: Gallimard, 1998.

uma forma brutal de análise, que, ilustrando a passagem abrupta da vida à morte, permite ao filósofo elucidar as condições físicas e fisiológicas que sustentam a primeira. Mas essa execução ritualizada lembra, também, a que ponto o indivíduo humano pertence a um *habitat* natural – a sociedade – cuja forma excelente – a república – exige dele deveres e obrigações, e pode até, em condições extraordinárias, cobrar-lhe o seu próprio corpo. Cabanis não era um advogado do terror; ao contrário, apoiou ativamente o golpe do Termidor, a fundação da Escola Politécnica, da Escola Normal e do Instituto e o regime do Diretório que pôs fim à Convenção. Para ele, falar sobre o terrível espetáculo da guilhotina é refletir sobre os limites da república, que se põem, justamente, na manutenção da fisiologia dos grupos de indivíduos que a formam.¹⁰ Não surpreende, por

10 Para os desdobramentos institucionais da Ideologia, ver François Azouvi, *L'institution de la raison*. Paris: Vrin, 1989.

isso, que o filósofo tenha defendido a reforma da medicina, que, em seu entender, deveria ser redirecionada dos indivíduos para as populações. Ruptura radical com o saber médico do século XVIII, que exige que se repense a natureza das doenças – toda patologia, tomada estaticamente, afeta populações –, que se refaçam os ambientes hospitalares, que se cuide dos mendicantes e, principalmente, que se invista na formação dos clínicos e cirurgiões, a partir de uma concepção filosófica da arte médica.¹¹

Muitos cometem o erro de ver em Cabanis um filósofo menor, confundindo, assim, os cânones do ensino da filosofia, determinados politicamente, e a envergadura histórica dos autores (e das autoras). Subestima-se, com isso, o impacto de suas ideias no idealismo de Schopenhauer, na genealogia de Nietzsche e

11 Uma excelente introdução ao pensamento de Cabanis vem de Claude Jolly, *Cabanis, l'idéologie physiologique*. Paris: Vrin, 2021.